

O RIGOR E A EXATIDÃO NA METAFÍSICA MODERNA – UMA REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DE HEIDEGGER E DELEUZE

*The rigor and exactness of the modern metaphysics – a critique reflection from Heidegger
and Deleuze*

Itamar Soares Veiga*

Resumo: Este ensaio procura explorar as noções de rigor e exatidão nas origens da metafísica e ciência modernas. Inicialmente expomos como são as concepções heideggerianas de rigor e exatidão a partir de textos posteriores a 1936, os quais tematizam a ciência. Desta exposição inicial, resulta que o caráter inexato do cálculo matemático não é contemplado pela ótica de Heidegger. Mas, por outro lado, esse aspecto não contemplado é suprido complementarmente através do livro de Deleuze sobre Leibniz *A dobra – Leibniz e o barroco*. A conclusão mostra que as relações entre rigor e exatidão e rigor sem exatidão podem ser revistas com o fito de propiciar uma nova leitura sobre a abertura ou encobrimento do ente, em certo sentido, no rigor sem exatidão do cálculo numérico, isso não foi contemplado por Heidegger.

Palavras-chave: Rigor; Exatidão; Matemática; Ponto matemático; Ponto metafísico.

Abstract: This essay aims to explore the notions of rigor and exactness in the origins of modern science and metaphysics. Initially we expose as are the heideggerian conceptions of rigor and exactness since subsequent texts to 1936, which it a thematization the science. In this initial exposure, the partial conclusion shows the inexact nature of numerical calculation is not contemplated by the perspective of Heidegger. But, on the other side, this aspect is supplied through the book of Deleuze on Leibniz: *The Fold – Leibniz and the Baroque*. The final conclusion shows that the relations between rigor and exactness, or rigor without exactness, can be reviewed with the purpose of providing a new reading of the uncovering or concealment of beings. In this sense, the rigor without exactness was not contemplated by Heidegger's approach.

Keywords: Rigor; Exactness; Mathematical point; Metaphysical point.

* Professor da Universidade de Caxias do Sul, PPG-FIL-UCS. Contato: inpesquisa@yahoo.com.br

A obra de Heidegger é bastante vasta, por causa disto, na presente pesquisa, vamos nos deter e tentar construir apenas um eixo de análise: a consideração sobre a ciência moderna. Utilizaremos um caminho direto para construir este eixo: a conferência *Die Zeit des Welbildes*, publicada na obra *Holzwege* de 1977. A tradução para português tem como título *A época da imagem do mundo*, texto traduzido por Paulo Schneider em 2005. Esta opção por um eixo de análise mais direto nos dotará de uma base razoável sobre ciência em Heidegger, e nos permitirá fazer alguns questionamentos. Heidegger assinala explicitamente a ciência como um dos fenômenos mais representativos da modernidade e, por isto, precisa ser aprofundado. Em seu texto *A época da imagem do mundo*, ele afirma:

Em que se baseia a essência da ciência moderna? Qual concepção do ente e da verdade fundamenta essa essência? Caso se consiga chegar ao fundo metafísico que fundamenta a ciência enquanto moderna, então se deve poder reconhecer a partir dele a essência da modernidade em geral.¹

Há uma identificação entre a “essência da ciência moderna” e a “essência da modernidade em geral”. O suporte desta identificação é um “fundo metafísico” que pode ser acessado pela consideração da própria ciência “enquanto moderna”. Devemos manter a chave deste acesso, pois o texto da conferência depende de cumprir o acesso ao “fundo metafísico” de uma época. Um outro aspecto, que transparece na citação, acima é a preocupação em destacar a época (no caso, a época moderna) como elemento classificador do que é e o que não é ciência. Portanto, o que importa é o período moderno.

A definição da ciência moderna “enquanto moderna” é importante para Heidegger. Ao assinalar as diferenças entre as épocas, percebe-se que cada época possui o seu próprio fundamento diretivo. Em outro texto: as proposições sobre a ciência, retirado de sua obra *Ereignis* (1936-1938), temos na primeira das 24 proposições sobre a ciência, o registro desta ênfase a respeito da época moderna:

Ciência deve ser sempre entendida no sentido moderno. A doutrina medieval e conhecimento grego se distinguem dela radicalmente, ainda que, modificados, co-determinem aquilo que hoje conhecemos como ciência e aquilo que podemos conhecer por nossa experiência histórica.²

Nesta adoção do período moderno, como o período principal para as épocas científicas, nós encontramos as características do “rigor” e “exatidão” que são resultantes do encadeamento da tematização realizada por Heidegger. Para compreender este encadeamento, fixemos na primeira afirmação sobre a ciência em *A época da imagem do mundo*: ele afirma que a ciência atual é *investigação*:

A essência do que se denomina hoje ciência é a investigação. Em que consiste a essência da investigação? Consiste em que o conhecer se instala a si mesmo como um proceder num âmbito do ente, da natureza ou da história. Proceder não significa

¹ HEIDEGGER, 2005, p.193.

² HEIDEGGER, 2001, p.98.

aqui apenas o método, o procedimento, pois todo proceder já carece de um setor aberto em que se move.”³

Esta afirmação: “A essência do que se denomina hoje ciência é a investigação” possui seu sentido a partir de dois suportes principais. Um deles é explicitamente enunciado: o *procedimento*, e o outro permanece ainda implícito, trata-se do *projeto*. Estas são expressões que têm os seus sentidos usuais direcionados e alterados para os propósitos da explicação de Heidegger. O *procedimento* é algo que precisa de um espaço de jogo prévio, de uma abertura, onde ele se foca sobre o movimento dos entes (ou das relações entre os entes), os quais ocorrem dentro dessa abertura.

Estes dois constructos heideggerianos: *procedimento* e *projeto* possuem uma base única que repousa na explicação de Heidegger sobre o significado da palavra grega *ta mathemata*. *Ta mathemata* significa conhecer antecipadamente aquilo que está já no ente. No texto *A época da imagem do mundo*, depois de referir que a ciência possui necessidade de um “setor aberto em que se move”, um setor que se vincula a uma divisão de diferentes “âmbitos” entre os entes, Heidegger explica o *procedimento*, incluindo nesta explicação o *projeto*. Assim, *procedimento* e *projeto* apontam para a determinação do que é o “rigor” da investigação. Mas, antes de referir o *ta mathemata* é preciso preparar o caminho explicando o “proceder”:

[...] Proceder não significa aqui apenas método, o procedimento, pois todo proceder já carece de um setor aberto em que se move. Mas precisamente o abrir de um tal setor é o procedimento fundamental da investigação. Ele se realiza pelo fato de que se projeta num âmbito do ente, por exemplo, na natureza, um determinado esboço dos processos naturais. O projeto traça previamente a maneira pela qual o proceder conhecedor deve ligar-se ao setor aberto. Essa ligação é o rigor da investigação. Pelo projeto do esboço e da determinação do rigor, o proceder assegura para si o seu setor de objetos em meio ao âmbito do ser.⁴

Uma área da ciência assume um setor de objetos no âmbito do ser, ou seja, ela delimita para si uma determinada região de entes. E, quando a ciência faz a divisão entre as áreas científicas, ela remete a diferentes bases empíricas, permanecendo neste âmbito empírico. O estabelecimento das bases empíricas, fixadas em conteúdos concretos, encontra uma referência indireta, quando Heidegger comenta sobre a Física. Assim, depois de vincular *procedimento* com o *projeto*, Heidegger menciona a Física e destaca o caráter fundamental do *ta mathemata*:

A Física moderna chama-se Matemática porque aplica uma bem determinada Matemática num sentido preferencial. Ela, no entanto, só pode proceder matematicamente desse modo, porque já é Matemática num sentido mais profundo. *Ta mathemata* significa para os gregos aquilo que o homem conhece antecipadamente na contemplação do ente e no trato com as coisas: dos corpos o caráter corpóreo, das plantas o caráter vegetal, dos animais o caráter animal, do homem o caráter humano. A esse já conhecido, isso é, ao matemático, pertencem, ao lado do já mencionado, também os números. Quando encontramos três maçãs sobre

³ HEIDEGGER, 2005, p.194.

⁴ HEIDEGGER, 2005, p.194.

a mesa, então reconhecemos que são três. Mas o número três, a triplicidade, nos já conhecemos. Isso quer dizer: o número três é algo matemático.⁵

A matemática se torna uma ferramenta que combina muito bem as relações entre os fenômenos no processo de experimentação. Este processo de matematização e de direcionamento da execução das experiências é uma das características principais da ciência moderna. No estudo das relações entre os fenômenos, sob uma rede causal previamente estipulada, torna-se necessário considerar o uso da abstração.

A abstração serve para tecer um esboço mais completo da projeção do pesquisador sobre natureza, ou em outras palavras, sobre uma determinada região de entes. Portanto, a abstração está para além da própria experiência, quando esta é compreendida somente como manipulação de variáveis. A abstração se vincula um esboço prévio no processo de manipular variáveis. Diante da abstração, este processo de manipulação se torna secundário. O registro da abstração na ciência é expresso através da matemática.

Um exemplo mais geral da união entre manipulação de variáveis com a abstração é a idéia do vácuo como limite da queda livre dos corpos durante a experiência do plano inclinado realizada por Galileu. Em uma passagem que visa tratar da diferença entre o modo de conhecer da Antiguidade e do modo Moderno, Gadamer destaca este aspecto da abstração:

Pois a ciência não é mais a essência do saber sobre o mundo e o ser humano, como havia sido elaborado e articulado, na forma comunicativa da linguagem, pela filosofia grega, seja como filosofia natural ou como filosofia prática. O fundamento da ciência moderna é, em um sentido totalmente novo, a experiência, já que, com a idéia do método unitário do conhecimento, como formulou, por exemplo, Descartes em suas 'Regras', o ideal da certeza torna-se critério de todo o conhecimento. Como experiência é válido somente aquilo que é controlável. Assim, no século XVII, a própria experiência volta a se tornar uma instância de aprovação, da qual se permite aprovar ou refutar a validade de princípios matemáticos pré-delineados. Galileu, por exemplo, não descobriu o limite da queda livre através da experiência, mas como ele mesmo afirma: *mente concípito*, quer dizer, eu a concebo em minha mente. Aquilo que Galileu concebeu dessa maneira, como a idéia da queda livre, não foi, de fato, um objeto da experiência. O vácuo não existe na natureza. Entretanto, o que ele reconheceu, exatamente através dessa abstração. Foram princípios no interior da rede de relações causais, que na experiência concreta se encontram entrelaçadas uma na outra sem a possibilidade do seu desemaranhamento. A mente, ao isolar cada relação e, com isso, medir e pesar sua parte exata abre a possibilidade para que se possa, voluntariamente, introduzir fatores causais.⁶

A Física se coloca frente à realidade ao fazer um delineamento da região de objetos (entes), analisando e buscando as relações entre os fenômenos, as quais são estabelecidas como relações causais. E, neste processo de delineamento, constata-se não somente a manipulação de variáveis, mas, também, a abstração.

⁵ HEIDEGGER, 2005, p.194.

⁶ GADAMER, 2006, p.25-26.

Nesta direção, em Heidegger percebemos que o autor compreende, este modo de incidir da Física sobre o real (objetos ou entes), através de um novo constructo, expresso quando trata do incidir da Física sobre o real, ou seja, como *estipulação*:

Física é em geral o conhecimento da natureza, particularmente, então, o conhecimento corpóreo material em seu movimento, pois esse corpóreo mostra-se imediatamente e sem exceção em todo o natural, mesmo que de maneira diferenciada. Quando, pois, a Física constitui-se expressamente em matemática, então isso significa: por intermédio dela e para ela algo é estipulado de uma maneira enfática como já conhecido de antemão. Essa estipulação diz respeito a nada menos que o esboço daquilo que futuramente deve ser a natureza para o conhecimento investigador dela: a coesão de movimento, encerrada em si, de pontos de massa referidos espaço-temporalmente.”⁷

O significado da palavra *estipulação* é: “algo é estipulado de uma maneira enfática como já conhecido de antemão”. Este significado demonstra a vigência do sentido profundo e implícito do “*ta mathemata*”, comentado anteriormente. O “algo” que é “estipulado” exige um espaço prévio no que é referido como “esboço”, e a expressão mais acabada do “esboço” é introduzida pelo termo *projeto*. Para confirmar isto temos a seguinte passagem:

[...]. Todo processo deve ser visto como incluído nesse esboço da natureza. Somente a partir da perspectiva desse esboço é que um processo natural como tal torna-se visível. Esse projeto da natureza assegura-se pelo fato de que a investigação física **de antemão** a ele se vincula em cada um dos seus **passos questionadores**. Essa ligação, o rigor da investigação, a cada vez tem o seu próprio caráter, de acordo com o projeto.⁸

Os “passos questionadores”, de toda área científica, são configurados pelo *procedimento*. Estes “passos questionadores” se inserem em um “esboço” prévio que é a forma disposta pelo *projeto*. E, a vinculação desses processos, feito de “passos questionadores”, permite assegurar uma ligação que traduz o “rigor” de uma investigação. Em outras palavras, se trata do *rigor* da ciência, porque ciência é “investigação”.

Destaquemos este elemento do *rigor*. O *rigor* está colocado no que une *procedimento* e *projeto*. Mas, o próprio desenvolvimento do procedimento e do projeto, nas ciências modernas, já possui uma característica marcante. Esta característica se mostra através da matemática e das relações de causa e efeito. Ela é a *exatidão*. E, a *exatidão* remete imediatamente ao âmbito da região de objetos. Mas, mesmo esta dimensão concreta da região dos objetos, não é tão exata assim, e isto se mostra nas origens históricas do próprio cálculo de integração e, mais tarde, do cálculo de derivação. Ou seja, há o problema prático e concreto de determinar algumas áreas e volumes. Heidegger passa sobre esta possibilidade que se encontra na efetividade do mundo concreto, e afirma: “A pesquisa matemática da natureza, entretanto, não é exata pelo fato de calcular com exatidão, mas ela tem de calcular assim, porque a ligação ao seu setor de objetos tem o caráter de exatidão.” (HEIDEGGER, 2005, p.196).

⁷ HEIDEGGER, 2005 p.195.

⁸ HEIDEGGER, 2005, p.195, grifo nosso.

Ao referir que a pesquisa matemática “não é exata pelo fato de calcular com exatidão”, permanece a dimensão não exata ainda inexplorada na análise heideggeriana. Temos no texto citado a referência de que a pesquisa matemática se torna exata por causa da sua vinculação com o “setor dos objetos”. Nesta relação entre inexatidão e *exatidão*, cabe certamente uma observação complementar sobre as possíveis contribuições da conferência *A Questão da técnica* de 1953, pois a *exatidão*, para Heidegger, se define pelo âmbito do “setor de objetos”. Mas, centralizados em nosso tema, nós vamos apenas assinalar isto: a inexatidão do cálculo permanece sem análise por parte de Heidegger.

Heidegger apresenta uma união entre os constructos mencionados antes: “A ciência converte-se em investigação por meio do projeto e por meio da asseguarção do mesmo no rigor do proceder [“passos questionadores”: elemento metodológico]. Projeto e rigor, porém, desdobram-se primeiramente no que são por meio do procedimento.”⁹ O “projeto” é uma delimitação prévia, ou melhor, um “esboço” da região de entes, e fornece um espaço de execução possível para a investigação científica. Este espaço de execução, ou operação, é efetivado e percorrido pelo caráter metodológico dos referidos “passos questionadores”, os quais dependem da prescrição do *rigor* e da *exatidão*.

Isso conclui um roteiro inicial que teve como foco o texto de Heidegger. O seu objetivo foi mostrar uma compreensão filosófica da ciência e encontrar uma lacuna: a da não exatidão da matemática, a qual não é problematizada. No segundo roteiro de análise, ainda sobre o *rigor* e *exatidão* na ciência moderna, iremos tratar de um outro autor: Gilles Deleuze.

Em uma apresentação breve, Gilles Deleuze faz também uma análise da filosofia e da ciência moderna. Ele enfoca a gênese da ciência, desenvolvendo com este tema as mudanças na filosofia. Utilizaremos o seu livro: *A dobra: Leibniz e o barroco* de 1988 (tradução para o português em 1991 de Luiz B. L. Orlandi). As observações de Deleuze assumem, igualmente, a matemática como eixo principal.

Deleuze expõe as consequências da descoberta do cálculo realizadas por Leibniz. As junções entre filosofia e ciência se destacam nas proposições metafísicas de Leibniz, onde, o que é denominado de “ponto matemático”, é também considerado como um “ponto metafísico”. A exploração desta igualdade tem diversas consequências. Vejamos a passagem que discorre sobre ambas as concepções:

[...] O *ponto físico* é o que percorre a inflexão ou o próprio ponto de inflexão: nem é um átomo nem um ponto cartesiano, mas um ponto-dobra, elástico ou plástico. Desse modo, ele não é exato. Mas o importante é que, de um lado, ele desvaloriza o ponto exato e, de outro, leva o *ponto matemático* a ganhar um novo estatuto, rigoroso sem ser exato. De um lado, com efeito, o ponto exato não é uma parte do extenso, mas uma extremidade convencional da linha. Por outro lado, ponto matemático, por sua vez, perde exatidão para torna-se posição, sítio, foco, lugar de conjunção dos vetores de curvatura, ponto de vista, em resumo. Portanto, o ponto de vista adquire um valor genético: o puro extenso será a continuação ou a difusão do ponto, mas de acordo com as relações de distância que definem o espaço (entre dois pontos quaisquer) como “lugar de todos os lugares”. Todavia, se o ponto matemático

⁹ HEIDEGGER, 2005, p.196.

deixa de ser assim a extremidade da linha, para tornar-se a intimidade do foco, nem por isso deixa de ser uma simples “modalidade”. Ele está no corpo, na coisa extensa. Contudo vimos que, como tal, o ponto matemático é apenas a projeção de um terceiro ponto no corpo. É o *ponto metafísico*, a alma ou o sujeito, aquele que ocupa o ponto de vista, aquele que se projeta no ponto de vista. Desse modo, em um corpo, a alma não está em um ponto, mas é ela própria um ponto superior e de outra natureza, ponto correspondente ao ponto de vista. [...] ¹⁰

A passagem possui diversos níveis que se interrelacionam, mas estes níveis preservam as suas identidades. O “ponto físico” é interpretado como “ponto matemático”, porque o ponto físico, enquanto ponto de inflexão (como em uma curva) não é efetivamente um ponto exato, conforme dito acima: “ele desvaloriza o ponto exato”.

Por sua vez, o ponto matemático mantém o *rigor*, mas com a ressalva de “sem ser exato”. Este “ponto matemático” é “uma extremidade convencional da linha”, justamente onde a reta tangente toca a curvatura, e pode ser calculado através de uma função derivada, recurso habitual do cálculo numérico. O ponto matemático conduz ao “ponto metafísico”, e nisso também o “ponto matemático” perde a sua “exatidão”, por ser o “lugar da conjunção dos vetores de curvatura”. Neste “lugar da conjunção”, o “ponto matemático” pode ser considerado um e sob um “ponto de vista”. Ao ser considerado um “ponto de vista”, o ponto matemático é também o “ponto metafísico”, porque é justamente o “sujeito” que “ocupa o ponto de vista”.

O ponto, triplamente interpretado (físico, matemático ou metafísico), ganha o estatuto de ser “rigoroso sem ser exato” conforme a citação acima. Em cada trânsito de um estágio a outro, o grau de exatidão que é alcançado, sofre um decréscimo, e o ponto metafísico, que interrompe esta perda de exatidão, remete “a alma ou ao sujeito”. Neste nível metafísico, a exatidão está envolta na variação da perspectiva do sujeito através do seu “ponto de vista”.

Há um *rigor* sem *exatidão*, e isto não está contemplado na crítica de Heidegger. Esta é a possível problematização do quadro teórico heideggeriano a partir de uma observação externa, deleuziana. Contudo, o papel dessa problematização é proporcionar novas interrogações, as quais podem ser expressas assim: a matematização realizada por Leibniz, com destaque da descoberta do cálculo diferencial, permite uma reinterpretação das suas posições metafísicas? Neste aspecto, a posição que coloca uma fratura entre ontologia e conhecimento, no que diz respeito à Leibniz deveria ser revista. Mas, o tratamento deste tema da fratura deverá ser feito em outro momento.

Uma outra interrogação que podemos fazer é a seguinte: é possível determinar um modo não encobridor do ente no que diz respeito à perspectiva não exata do *rigor*? Este modo não encobridor teria que estar para além do mero âmbito da descoberta científica. – O fundamento de ambas as interrogações reside na possibilidade de conseguirmos o *rigor*, mas sem sermos exatos. E, também, de que esta possibilidade possa ser alcançada em termos matemáticos.

¹⁰ DELEUZE, 1991, p.41, grifos do autor.

No que diz respeito à expressão dessa possibilidade em termos matemáticos, temos presente que a função derivada, no cálculo, resulta em um valor que é aquele do coeficiente angular de uma equação da reta. Este coeficiente mostra a inclinação da reta, e assim, a passagem da mesma pela curvatura, tocando em apenas um ponto. E este ponto é o núcleo da especulação geral. Enquanto ponto físico, extenso, ele é um “ponto-dobra, elástico ou plástico. Desse modo, ele não é exato”. O ponto físico se torna um “ponto convencional da linha”. E, além disso, matematicamente considerado, este ponto será a “conjunção dos vetores de curvatura, ponto de vista”, segundo a citação acima.

Podemos nos direcionar à seguinte interrogação, de âmbito mais geral: a matemática e metafísica da ciência moderna, tendo o pensamento de Leibniz como parâmetro principal, pode determinar um novo modo de não-encobrimento do ente no que diz respeito a uma perspectiva não exata do rigor? Podemos especular que as ligações entre matemática e metafísica, na filosofia Leibniz, permitem uma outra forma de ver a metafísica, a qual seria também a de uma abertura, e não apenas aquela da perspectiva heideggeriana de encobrimento do ente? Estamos explorando uma resposta afirmativa à última através de Deleuze.

Retornando à exposição de Deleuze sobre Leibniz, nós percebemos que a inclusão do destaque ao cálculo diferencial se justifica na medida em que este modo de cálculo permite determinar o ponto em que uma reta tangente toca uma curva (como na aplicação do cálculo de derivadas). Portanto, o uso do cálculo permite uma individuação de um ponto. Este ponto será a *mônada*, a qual inclui o mundo através da qualidade de *apercepção*. O tema da inclusão do mundo é nevrálgico para a reflexão filosófica, porque implica uma forma de ontologia que, no mínimo, se mostra subjacente. Por isto devemos explicar o processo de *inclusão*, e o fazemos novamente através de Deleuze:

[...], não é exatamente o ponto de vista que inclui; ou pelo menos, ele só o faz a título de agente, mas não de causa final ou de ato acabado (*enteléquia*). A inclusão, a inerência, tem uma *condição de clausura ou de fechamento*, que Leibniz enuncia em sua fórmula célebre “não há janelas”, e que o ponto de vista não basta para preencher. Aquilo em que a inclusão se faz e não pára de fazer-se, ou aquilo que inclui no sentido de ato acabado não é o sítio ou o lugar, não é o ponto de vista, mas aquilo que permanece no ponto de vista, aquilo que ocupa o ponto de vista e sem o qual o ponto de vista não seria. É necessariamente uma alma, um sujeito. É sempre uma alma que inclui o que ela apreende do seu ponto de vista, isto é, a inflexão. *A inflexão é uma idealidade ou virtualidade que só existe atualmente na alma que a envolve.*¹¹

A alma, para Leibniz, remete no fundo a uma teodicéia e a uma harmonia pré-estabelecida, contudo, as diversas formas do ponto (físico, matemático, metafísico) permanecem ainda rigorosas e sem exatidão. Assim, seria plausível afirmar que o ponto matemático, ou a própria matemática, em Leibniz, é em si mesmo, uma instância com *rigor*, mas sem *exatidão*. E, se isto é assim, então devemos ter em vista as conseqüências para a compreensão filosófica da metafísica e da ciência modernas. No presente estudo, nós temos as opções da compreensão que concebe o

¹¹ DELEUZE, 1991, p.41-42.

representacionismo da imagem de mundo como encobridor da essência da verdade do Ser, através de Heidegger. E, por outro lado, nós temos a construção matemática que não consegue (ou até mesmo não busca) a exatidão como fim, mas se mostra filosoficamente complexa, através da inflexão expressa pelo ponto físico, matemático e metafísico, como é mostrado por Deleuze.

Ao se afastar da exatidão, a metafísica de Leibniz expressa uma abertura mediante operações de cálculo numérico. Nessa abertura, mesmo que seja mínima, provém um esclarecimento possível e plausível de um trabalho com *rigor*, mas sem *exatidão*. Heidegger afirmava que a *exatidão* estava no vínculo com o âmbito concreto do “projeto”. Mas, sem a exatidão do “ponto físico”, nós não temos um vínculo, e podemos ter uma abertura. A inexatidão do “ponto físico” (ou em outras palavras, o âmbito concreto do *projeto*) está no ponto de dobradura (ou de inflexão), onde a reta tangente toca uma curvatura, o que é constatável através do cálculo de derivadas. Neste aspecto, o ponto que resulta do cálculo de derivação é apenas algo convencional, justamente por ser inexato. Neste sentido, ele não contribui para um encobrimento do ente, mesmo quando aponta o âmbito convencional do extenso ou, caso queiramos, para o âmbito convencional do “ponto físico”. Se mantivermos estes parâmetros, não há encobrimento, não do modo como afirmava Heidegger.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, M. A época da imagem do mundo. In: SCHNEIDER, P. R. *O outro pensar*. Ijuí: editora UNIJUÍ, 2005.

_____. 24 proposições sobre a ciência. In: STEIN, E. *Epistemologia e crítica da modernidade*. Ijuí: editora UNIJUÍ, 2001.

GADAMER, H-G. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Editora Papirus, 1991.

Recebido em: 10/06/2013.

Aprovado para publicação em: 03/10/2013.